



DIPLOMACIA

Governo de Pequim rebate como “ilegais e unilaterais” as sanções anunciadas pelos EUA contra países que fazem negócios com o Irã. Pacote para sufocar o regime islâmico estará à mesa na visita de Xi Jinping a Washington, no fim de setembro

China desafia o plano de Trump

» SILVIO QUEIROZ

A menos de um mês de receber na Casa Branca o colega Xi Jinping, Donald Trump colocou na agenda do encontro mais um capítulo nas conturbadas relações comerciais — e diplomáticas — entre Estados Unidos e China, as duas maiores potências econômicas. O secretário do Tesouro, Scott Bessent, anunciou na segunda-feira um novo e rigoroso pacote de sanções destinado a isolar o Irã, batizado pelo presidente como “Dia D da guerra econômica”. A ideia é ameaçar também empresas e outros agentes de terceiros países que mantenham relações comerciais e financeiras com Teerã com punições, inclusive a exclusão do sistema internacional baseado no dólar.

O governo comunista de Pequim reagiu no dia seguinte, e sem rodeios. O porta-voz do Ministério de Relações Exteriores, Lin Jian, condenou a adoção de “sanções ilegais unilaterais” e afirmou a determinação do país para tomar “todas as medidas necessárias” para defender seus interesses. “Nossa cooperação com o Irã sempre foi conduzida dentro dos limites do direito internacional e não deve ser sujeita a interferências ou interrupções”, arrematou.

Em particular, a capacidade da China para responder efetivamente a um bloqueio no sistema financeiro internacional é objeto de debate entre especialistas e estudiosos. “Pequim construiu mecanismos importantes para reduzir sua vulnerabilidade ao dólar. O próprio Tesouro dos EUA reconhece que grande parte do petróleo iraniano vendido à China é liquidada em iuanes”, disse ao **Correio** o professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPM. “Mas isso não significa que a China disponha hoje de um substituto integral para o sistema dólar. Pode resistir, mas não é imune.”

Trunfo

“A capacidade de resposta chinesa está, sobretudo, na sua capacidade industrial e na dependência da economia dos EUA em relação ao país, aí incluídos os minerais críticos e as terras raras”, analisa Roberto Goulart Menezes, professor titular do Instituto de Relações Internacionais (Irel) da UnB. Ele lembra, ainda, o trunfo representado pela ampliação da presença diplomática de Pequim na América Latina, que o governo Trump volta a tratar como “área de influência natural” dos EUA. Assim como o impasse militar com o Irã no Oriente Médio, “a presença da China na região é uma preocupação incluída por Trump na agenda” do encontro, marcado para 24 de setembro.

O especialista da ESPM vê o cerco econômico ao Irã como “mais uma variável dentro de uma negociação muito maior, que envolve tarifas, tecnologia, inteligência artificial,

Corrida pela gasolina na capital do Irã

AFP



Teerã amanheceu ontem com longas filas nos postos de gasolina, a reação dos iranianos ao anúncio do pacote de sanções norte-americanas que Donald Trump batizou de “Dia D econômico”, destinadas a asfixiar a economia do Irã. O país suporta décadas de medidas punitivas dos EUA e já enfrentava inflação muito elevada antes da guerra — um dos fatores que impulsionaram a onda de protestos

contra o governo, em janeiro. “Essas sanções estão em vigor há 47 anos”, disse à agência de notícias France-Presse Mehdi Yazdian, corretor de imóveis de 55 anos. “É lógico que afetam a vida das pessoas.” Kia Farahani, professora de inglês de 45 anos, receia turbulências. “Acho que a guerra será mais econômica, fará com que as pessoas sintam muita pressão, e talvez haja mais protestos”, arriscou.

» Chefe da CIA visita Moscou em segredo

Um avião militar que partiu dos EUA pousou na manhã de ontem em Moscou, sem anúncio oficial, levando o diretor da Agência Central de Inteligência (CIA), John Rattcliffe, segundo informaram a rede de TV CBS e o site Axios. Até o fim do dia, nenhum dos dois governos havia confirmado a visita, que seria a primeira do chefe da CIA à Rússia e a de mais alto escalão desde que Donald Trump retornou à Casa Branca. O porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, afirmou que “não dispunha de informações” sobre a presença de Rattcliffe, nem sobre qualquer reunião com emissários norte-americanos prevista para os próximos dias. Falando à emissora pública BBC, John Foreman, que serviu como adido militar britânico em Moscou entre 2019 e 2022, citou como possível objetivo da viagem um contato discreto para evitar uma escalada de tensão entre EUA e Rússia, relacionada a uma recente atividade de drones que causou alarme em aeroportos da Alemanha. O Kremlin é visto como suspeito pelo incidente, que estaria relacionado à guerra na Ucrânia.

cadeias produtivas e competição estratégica”. E aposta que, na visita do presidente chinês, o anfitrião usará as sanções secundárias como instrumento de pressão, antes da reunião de cúpula em Washington. “O fato de o novo pacote ter poucado, até agora, grandes instituições financeiras chinesas pode ser lido exatamente dessa maneira: a ameaça talvez seja, no momento, mais valiosa do que sua execução”, pondera.

Rudzit avalia que Pequim procura,

nesse novo round da disputa comercial com Washington, “algo além de apenas fazer sua voz ser ouvida”, em assuntos de alcance global. “Está afirmando que não reconhece aos EUA o direito de determinar unilateralmente com quem terceiros países podem manter relações econômicas”, explica. “Trump usa uma capacidade que decorre da centralidade do dólar para dar alcance extraterritorial às suas decisões. A China contesta justamente essa capacidade.”

Nesse terreno, o professor do Irel/UnB identifica como tática de Xi “explorar as contradições dos EUA e tirar proveito das trapalhadas políticas” de sua contraparte. “A China evita disputar e se manifestar de forma contundente em certos temas internacionais”, observa Menezes. “Enquanto vai estreitando os vínculos com o Sul Global, isso vai fortalecendo sua posição, mas não implica que tenha um roteiro bem traçado para criar uma ordem global alternativa aos EUA.”

Três perguntas para



Arquivo Pessoal

Como o senhor avalia a possibilidade de os EUA imporem sanções a empresas, instituições ou personalidades da China, no âmbito do pacote anunciado para asfixiar economicamente o Irã?

Os EUA já vêm sancionando empresas chinesas envolvidas com petróleo iraniano, aquisição de tecnologia e redes de financiamento. O ponto decisivo, agora, seria subir um degrau e atingir instituições financeiras importantes, ameaçando seu acesso ao sistema financeiro baseado no dólar. Scott Bessent deixou explícito que nenhum país estaria fora do alcance das sanções.

A reação inicial da China sinaliza a determinação do regime de fazer sua voz ouvida em assuntos de alcance global?

A resposta foi bastante explícita: Pequim rejeitou sanções unilaterais não autorizadas pelo Conselho de Segurança da ONU, afirmou que sua cooperação com o Irã é legítima e avisou que adotará as medidas necessárias para proteger seus interesses. Portanto, a disputa não é apenas sobre o Irã: é também sobre quem pode estabelecer regras e impor custos no Sistema Internacional.

Em mais esse round nas disputas comerciais entre as duas maiores potências econômicas, qual delas parece mais sujeita a “piscar primeiro”?

Eu evitaria apostar que uma das duas simplesmente “piscará”. Acho mais provável que vejamos concessões táticas dos dois lados, sem que nenhum dos lados abandone sua posição estratégica. Trump enfrenta limites: uma escalada contra grandes instituições chinesas poderia repercutir sobre comércio, cadeias produtivas, inflação e mercados americanos. A China pode tolerar custos econômicos significativos, quando considera que estão em jogo interesses estratégicos, mas também depende profundamente do comércio internacional e não tem interesse em uma ruptura financeira descontrolada. (SQ)

GUNTHER RUDZIT, professor de relações internacionais da ESPM

Afeganistão

Unicef alerta que desnutrição pode matar 1 milhão de crianças

» RODRIGO CRAVEIRO

Uma tragédia silenciosa no Afeganistão alarma o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). Mais de 3,7 milhões de crianças sofrem de desnutrição aguda; entre elas, “1 milhão apresentam quadro grave e correm risco de morte”. O alerta partiu do médico nigeriano Tajudeen Oyewale, representante do Unicef em Cabul, durante videoconferência em uma reunião em Genebra. “Sem tratamento, e se não conseguirmos intervir rapidamente, esse milhão de crianças corre o risco de morrer”, advertiu. “É uma crise que afeta de forma desproporcional os mais jovens e vulneráveis: quase 40% das crianças internadas com emaciação grave e complicações médicas são bebês com menos de seis meses de idade.”

De acordo com Oyewale, em algumas áreas do sul do Afeganistão, hospitais recebem três ou quatro crianças gravemente desnutridas para cada leito disponível. Depois dos devastadores terremotos de 2025, vários desastres climáticos neste ano e o retorno de milhões de afegãos do Irã e do Paquistão, quase 14 milhões de pessoas sofrem de fome aguda, em uma população de mais de 45 milhões de afegãos, segundo o Programa Mundial de Alimentos (PMA). No começo de agosto, a organização anunciou que a desnutrição aguda infantil atingiu níveis críticos no país.

Segundo o Unicef, desde o começo do ano, mais de meio milhão de crianças foram internadas em centros de saúde por emagrecimento extremo. “As crianças com menos de dois anos representam 83% dos casos de desnutrição aguda grave que estamos

Azizullah Karimi/Unicef



Tajudeen Oyewale (C), representante do Unicef, visita bebê desnutrido, em Nangarhar

observando em todo o país”, acrescentou Oyewale. Ele também destacou que os casos de desnutrição aguda grave em crianças, acompanhados de complicações médicas, aumentaram em mais de um terço em 2026.

O representante do Unicef no Afeganistão explicou que as mães que sofrem de desnutrição severa dão à luz bebês com

baixo peso. Essas crianças apresentam uma taxa de sobrevivência muito reduzida, devido à falta de cuidados intensivos nas unidades neonatais de hospitais e maternidades. Em entrevista exclusiva ao **Correio**, Muhammad Suhail Shaheen, embaixador do Emirado Islâmico do Afeganistão (Talibã) na ONU, falou sobre a

3,7 MILHÕES

Total de crianças que sofrem de desnutrição aguda no Afeganistão, de acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef)

crise alimentar. “O governo está fazendo o possível, dentro dos limites orçamentários, para fornecer nutrição às crianças por meio de unidades básicas de saúde em áreas rurais. No entanto, a causa do problema reside nas sanções impostas ao Afeganistão e na queda significativa da assistência humanitária ao país”, assegurou.

O programa de nutrição do Unicef no Afeganistão precisa de cerca de US\$ 180 milhões (o equivalente a R\$ 927 milhões) neste ano. No entanto, até o momento, conta somente com 22% do financiamento necessário, segundo a agência da Organização das Nações Unidas (ONU).